

Funaro manifesta apoio à tese da conversão

por Roberto Baraldi
de São Paulo

O ex-ministro da Fazenda, Dilson Funaro, manifestou ontem apoio à tese da conversão da dívida externa. "Se a conversão não resolve a questão externa como um tudo, ao menos tem efeito positivo sobre as empresas e facilita a negociação da dívida", disse Funaro, que, paralelamente, defende que o Brasil não deve submeter-se ao monitoramento do Fundo Monetário Internacional (FMI), limitando-se a apresentar à instituição um balanço anual das contas nacionais.

No entender do ex-ministro, o instrumento de conversão deve ser a emissão de certificados pelo Banco Central, correspondentes às parcelas de juros convertidas. O ponto que exige maior atenção neste processo, segundo a avaliação de Funaro, é a fixação da taxa de deságio, que deve caber ao governo brasileiro.

"No processo chileno, o deságio é de 50%, mas nos leilões de certificados só alcança 8%", exemplificou Funaro. Para o ex-ministro, o deságio deve ser pago em cruzados.

Em palestra proferida a estudantes de Economia da Universidade de São Paulo (USP), Funaro defendeu que o Brasil deve assumir a liderança dos países em desenvolvimento, em defesa

da tese de que as responsabilidades pelo endividamento devem ser divididas entre credores e devedores. "Não podemos nos esquecer de que a situação dos devedores tornou-se crítica em 1980, quando os Estados Unidos, para resolverem seus próprios problemas, aumentaram as taxas de juros. A consequência direta desta decisão norte-americana foi um aumento de US\$ 25 bilhões na dívida brasileira entre 1980 e 1985, relativos aos juros", afirmou o ex-ministro.

Insistindo em que a dívida externa deve ter um tratamento político, Funaro enfatizou que "ir ao FMI não adianta". Lembrou que a América Latina pagou, nos últimos quatro anos, US\$ 113 bilhões líquidos, ao mesmo tempo que a dívida cresceu de US\$ 326 para US\$ 386 bilhões.

"O monitoramento do FMI implica condicionalidades sobre a vida das nações, uma vez que o remédio é reduzir o mercado interno para aumentar as exportações", observou.

Funaro prevê que o presidente José Sarney será pressionado a aceitar o monitoramento do FMI. "São pressões legítimas, mas o Brasil é maior que estas pressões. O desenvolvimento brasileiro não pode ser discutido", opinou. Para eles, os devedores têm poder para forçar uma negociação favorável.